



COMO NÃO TER ESPERANÇA?

Abril de 2021

Apesar de estarmos vivendo uma das maiores, senão a maior, das tragédias já registradas na História da humanidade, há motivos para mantermos a Esperança. Para defender este argumento podemos examinar o que aponta o contrário, bem como delinear o que percebemos como sustentáculos do *esperançar*.

Os fatos são terríveis. Um inimigo poderoso e invisível consome a vida de pessoas de todas as idades, independentemente de suas condições de saúde, embora com uma tendência de pior situação para os mais idosos, socialmente vulneráveis e fisicamente fragilizados. Os coletivos sociais demonstram enorme incapacidade de operacionalizar estratégias de defesa, embora já sejam bem conhecidas algumas providencias que precisam ser tomadas. Uma parcela da população, por iniciativa própria ou incitada por líderes importantes, adota comportamentos suicidas, promovendo aglomerações de todas as naturezas e não utilizando os poucos meios de que dispomos para diminuir o contágio. Charlatães anunciam curas milagrosas.

Paralelamente, os problemas sociais e políticos já anteriormente existentes se exacerbam por conta da inépcia já instalada ou em consequência da própria pandemia. Profissionais de saúde, apesar da coragem e dedicação, morrem, extenuam-se, veem-se desalentados ao se defrontar com o quadro real das UTIs, hospitais, emergências, UPAS e unidades de saúde. Desamparo, fome, violência, dor, perdas, desalento, tomam conta de famílias, principalmente nas classes desfavorecidas e oprimidas. Não há dúvida do quadro apocalíptico. Por que, então ter esperança?

Ao contrário da Fé, que independe de racionalização, a Esperança, como a compreendemos, deve se sustentar pela racionalidade e pelo trabalho. Demanda, portanto, uma análise que permita a defesa argumentativa. Vamos

limitar esta análise a três dimensões: ecológica, social e política, atravessadas pela dimensão ética.

Do ponto de vista ecológico, o ser humano caminha na direção de sua própria extinção. A ação humana está causando danos de toda ordem, inclusive destruição de eco sistemas e mudanças climáticas que tornam nossa existência insustentável. O surgimento da pandemia pode ser reflexo destes desequilíbrios ecológicos. Entretanto, durante a pandemia, nos momentos de maior adesão às medidas restritivas em alguns países, deixamos de agredir com tanta intensidade a Natureza. Os resultados foram surpreendentes. Houve registros de recuperação espontânea de águas de rios, fontes, canais e praias dadas anteriormente como mortas. Animais que há muito tempo não mais eram vistos, suspeitos de extinção, voltaram, em alguns lugares, a aparecer. A diminuição de ruídos, luzes, combustíveis queimados e resíduos tóxicos gerou uma reação de recomposição de ambientes que, em alguns casos, estimava-se que só poderiam ser restaurados com décadas de trabalho e incalculável dispêndio de recursos financeiros. Foi um pequeno exemplo do que podemos e devemos fazer, receita, aliás, já conhecida desde pelo menos a década de 1960, quando, ao início dos movimentos ambientalistas, todas estas possibilidades foram amplamente discutidas junto ao público. Apesar da insanidade coletiva que leva o ser humano a agredir o meio ambiente do qual depende sua existência, não há outra escolha possível a não ser abraçar a questão ambiental como essencial e prioritária e alguns líderes mundiais, apoiados por um número significativo de pessoas, estão cada vez mais compreendendo e aderindo à causa ambientalista. Porque não há outra saída. Por isso há Esperança.

Na dimensão social o desastre é completo. Desigualdade social, iniquidades, opressões, intolerâncias, violências, discriminação, estigmas, atingem todos os países, embora o Brasil se coloque na lista dos piores. Aqui também os problemas são bem conhecidos, sabemos como equacioná-los e, em grande parte, resolvê-los. No centro destas soluções estão a distribuição de renda e a convivência com as diferenças. A persistência de uma elite colonial e a ordem ideológica capitalista global constituem o pano de fundo destas discussões.

O capitalismo globalizado é um conjunto orquestrado de ações com vistas ao fluxo desregulado de capitais, em nível global, à promoção de privatizações em todos os setores das sociedades, inclusive nos estratégicos, ao privilégio absoluto a grupos empresariais transnacionais, resultando em enfraquecimento dos Estados, concentração extrema de renda, aumento exacerbado das desigualdades sociais e destruição do patrimônio e dos serviços públicos. Sua estrutura ideológica ampara-se na promoção de valores como o absolutismo do lucro, a competitividade, a glorificação do *status* social, o desprezo pelas classes economicamente inferiorizadas e a formação de uma elite baseada na magnitude do patrimônio, no poder político e administrativo, na supremacia de grupos hegemônicos, no cerceamento dos direitos humanos e sociais e das liberdades, sob o disfarce das desregulações sociais. Assim, resultam em ação predatória sobre o meio ambiente, destruição de valores humanizadores, destruição das proteções sociais e da Economia, que passa a ser vista como mera atividade financeira.

O capitalismo globalizado dedicou-se à eliminação de quaisquer outras ideologias contraditórias. Para isto lançou mão, incansavelmente, de campanhas globais, utilizando todos os poderes que consegue amealhar, da manipulação de informações à legalização de atos institucionais espúrios e à força bruta, quando necessário. Um dos resultados foi tornar o ser humano prisioneiro dos sucessos desta campanha, pois esta ordem social e econômica não é sustentável e a o abafamento do contraditório sufoca também os esforços para a criação de outras formas de vida possíveis. O ser humano torna-se, assim, criatura que se apequena diante de sua própria criação, não consegue mais dirigi-la, tornou-se dela escravo, deixa de ser criador.

Entretanto, e apesar de todo o aparato de cooptação e persuasão utilizado em escala global de forma avassaladora há pelo menos 40 anos (desde a instauração da nova onda de “globalização”), ao invés de uma glorificação incontestada da ordem capitalista, testemunhamos, por um lado, sua revelação como uma grande falácia e, por outro, o cumprimento das previsões de muitos pensadores que anunciaram sua insustentabilidade já mesmo ao seu início.

Esperava-se que todos, submetidos ao inédito poder dos grandes impérios corporativos, já estivessem convertidos e absolutamente

escravizados. O surpreendente é que uma parcela significativa da sociedade não cumpriu esta profecia. Ao contrário, apontam que o rei está nu e muita gente é capaz de perceber sua patética nudez. Anunciam que os pés do tigre são de barro e, mais que isso, toda sua estrutura apodrece. Em 40 anos de globalização a ideologia capitalista conseguiu concentrar quase toda a renda nas mãos dos cada vez mais ricos, descartou impiedosamente muitos dos que considera indesejáveis, privatiza elementos estratégicos, enfraquece Estados, desmonta Serviços Públicos, amealha riquezas e o que estas conseguem comprar. Mas não consegue o triunfo final e absoluto - a conquista absoluta de mentes e consciências, de credibilidade, de respeito moral, de reconhecimento pela competência e conseqüente apoio incondicional de uma maioria significativa. Desesperam-se e, acuados, são obrigados a mostrar cada vez mais escandalosamente sua face de barbárie, a perpetrar crimes contra a humanidade, covardias contra os mais fracos, criando um ciclo vicioso que cada vez mais os desmoraliza e desmascara sua desabilidade social e incompetência política e Econômica. Ao contrário do resultado esperado, o apelo à opressão e a incontestável desmoralização paulatinamente os enfraquece. Os oprimidos de toda ordem, apesar do sofrimento físico, mental e social, se fortalecem, predominando a conscientização sobre os equívocos históricos que vão sendo cabalmente desvelados. Apesar da tragédia e da dor, esta resistência da consciência fomenta Esperança.

No que tange à dimensão política, ela vem se mostrando um *locus* de dominação largamente instrumentalizando a sanha de poder. A ocupação dos congressos nacionais, a manipulação das relações globais, a capilaridade da corrupção, são armas habilmente empunhadas por golpistas e caudilhos. Uma elite econômica cada vez mais perversa e entrincheirada em suas fortalezas bancárias e corporativas vende ilusões aos que, a cada eleição, candidatam-se à ascensão de casta, ao pertencimento a este maravilhoso mundo sem limites de ganhos e com garantias de impunidade. Estes desejos os transformam em fantoches da elite, e seus mandatos, distantes dos reais objetivos da Política, são cumpridos de forma errática e inescrupulosa. Assim, disseminam o caos, distraem-se com suas próprias mesquinhas, apropriam-se, criando artifícios de legalidade, indevidamente, avidamente e descaradamente de recursos públicos, abraçam negacionismos, espalham *fake news*, revelam seu

provincianismo ridículo e sua deletéria indignidade. Não são reis nus, pois jamais serão realmente aceitos no seio da aristocracia, mas um bando sem educação, sem cultura e sem respeito. A elite, que ainda se considera uma aristocracia, mas também não se caracteriza por um capital educacional, cultural e moral, ocupa, estrategicamente, algumas cadeiras nos três poderes das repúblicas, garantindo que suas marionetes jamais passem da condição de meros estafetas do poder, tão descartáveis como aqueles que este baixo clero, quando necessário, também descartam.

Mas tanto os estafetas quanto as elites do poder nunca estiveram tão desmoralizados. Sustentam-se pelas chicanas e pactos firmados para manutenção desta estrutura. Quando a Política é tão indignamente exercida, quando os líderes perdem o respeito da maioria dos cidadãos, eles podem continuar, por algum tempo, exercendo seus podres poderes, controlando recursos e existências, mas este poder é ilusório e insustentável. Consomem-se por autofagia, perdem-se no próprio caos que se esmeram para criar. Este terrível quadro de desastre institucional não é o desejável, não acontece sem muita dor, tristeza, angústia e desapontamento. Mas, apesar de tudo, sinaliza Esperança. Alguma mudança terá que acontecer, não por desejo da elite ou de seus aliados, mas porque a dinâmica dos fatos não permite que ela não ocorra.

A Esperança, em meio ao caos social, à desumanização das relações pessoais e institucionais, à opressão dos cada vez mais desfavorecidos, se mantém, não por uma espera de mudança espontânea, mas pelo trabalho constante e a vigilância perene de uma parcela de dedicados cidadãos. São indivíduos, grupos e organizações sociais que sustentam movimentos de contraposição aos cânones do capitalismo global. Movimentos que acenam com fatos incontestáveis, análises fundamentadas, argumentos consistentes. A cada onda de *fake news*, a cada ato de opressão, a cada passo na direção do abismo obscurantista, instituições, grupos e indivíduos manifestam seus pontos de vista, seu conhecimento, seu repúdio, através dos canais de comunicação, da imprensa independente, das redes sociais. Perseguidos e oprimidos, os que participam e apoiam estes movimentos não se dobram, não compactuam, não se calam. Com este espírito de luta e dedicação foi criado um dos melhores sistemas de saúde do mundo, o SUS, e foi desenvolvida a experiência da Reforma Psiquiátrica Brasileira, referência internacional no campo da Saúde

Mental. Fatos como estes atestam a resistência da Consciência, mantém viva a chama civilizatória, a força da razão, o poder da dignidade, frente ao desmoronar da construção ideológica que tenta intimidar, cooptar e enganar a todos o tempo todo. A resistência da Consciência, manifestada pelas pessoas, organizações e movimentos sociais, promove a Esperança.

Assim, caminhamos em meio a um quadro aterrorizante, cercados de trevas, tolhidos por cobertas escuras, como a personagem de nossa capa, que tem à frente um semáforo onde há apenas luzes amarela e vermelha. O cenário é de um caminho sem saída, onde vemos por todo lado sinais de penúria ética, aridez política, caos social. Agrava-se nosso sofrimento físico e mental, nossa tristeza perante a autodestruição do ser humano e do tecido social. Mas, como a personagem da capa, afirma-se a resistência, apoiada por um cenário em que também existem flores, cores e beleza. Anestesiados e às vezes desalentados, não conseguimos, muitas vezes, perceber nitidamente esta beleza, mas, contra todas as previsões, testemunhamos, se prestarmos atenção, a existência do respeito, da solidariedade, da humanização, a preservação de princípios éticos, a força de recuperação da Natureza. Enquanto a força moral da nação parece se desvanecer, uma parcela significativa desta resiste, mantendo sua dignidade e sua integridade moral. Sua força é extraordinária, considerando-se todas as adversidades, e paulatinamente reconhecida, afirmando-se mesmo contra a vontade de muitos que ainda se opõem à Saúde, à Ciência, à Cultura e à Vida. Não há como não ter Esperança.

Walter Ferreira de Oliveira

Editor Científico
CBSM